

OBSERVATÓRIO CONTRA A FRAUDE**A sorte do último accionista do BES**

A distância entre o real e o imaginário é muitas vezes tão ténue que não se sabe onde um acaba e o outro começa



José António Moreira

“Match Point” é um filme de 2005, escrito e realizado por Woody Allen. Não teve uma crítica excepcional, mas é um daqueles que o tempo não faz esquecer. É sobre a sorte. Na cena mais marcante, o protagonista, que assassinara a namorada, lança ao rio os pertences que trouxera consigo ao simular um roubo na casa desta, entre os quais uma aliança dourada. Lançada ao ar, esta cai, num equilíbrio instável, sobre um corrimão que borda o rio. Acabou por tombar em terra, mas é este elemento imponderável que determina o destino do assassino, que é ilibado.

A distância entre o real e o imaginário é muitas vezes tão ténue que não se sabe onde um acaba e o outro começa. No enredo do filme, tal como neste caso. O A. recupera do choque e combate a tensão que ainda sente contando aos amigos a sorte que teve em não ser o último accionista do BES. De férias, telefonara ao seu gestor de conta. Queria aplicar umas poupanças. “Invista metade do montante em acções do BES, que estão a muito bom preço, e não oferecem risco de maior”, foi a proposta. As sucessivas afirmações da solvabilidade da instituição, vindas de pessoas responsáveis pela regulação do sistema financeiro e pela governação do país, fizeram com que não se fechasse a essa proposta. Concordou que se colocasse uma ordem de compra a 10 cêntimos por acção. A suspensão da cotação durante a tarde de sexta-feira e a profusão de notícias alarmantes sobre a situação do banco que a partir daí foi vindo a público deixaram-no em pânico. Quando na segunda-feira de manhã telefonou ao gestor de conta foi informado de que por um cêntimo a ordem não tinha sido executada. Desligou sem se ter despedido. A tensão nervosa que o consumia não lhe permitia falar.

Alguers, haverá uma história para

contar semelhante a esta, excepto num detalhe: a respectiva ordem de compra foi executada porque foi colocada exactamente pelo preço da ordem de venda. Falta de sorte. Anonimamente, o seu autor ficará para a história como o último accionista do BES. Mas o que interessa a história quando, num momento, as poupanças de uma vida se desvanecem, mais depressa do que o fogo consumiria o papel-moeda equivalente?

É suposto que intervenções na bolsa não sejam testes à sorte. Apesar de na gíria popular o investimento em acções ser muitas vezes referido como “jogar na bolsa”, o facto é que, como qualquer outro investimento, deveria ser um acto racional, não isento de risco é certo, mas assente em informação que alguém certifica.

É neste domínio da informação que no caso BES todas as dúvidas surgem. Quero acreditar que tudo se precipitou inesperadamente na dita sexta-feira, em que o regulador, com a informação disponível, decidiu auxiliar a sorte com acções concretas que con-

correram para que o sistema financeiro português, que oscilava no “fio da navalha”, não tivesse tombado para o abismo.

Quero acreditar. Mas por mais que me esforce não consigo. O tempo irá continuar a proporcionar pequenos desenvolvimentos do caso, como já vem acontecendo, dando volume a uma narrativa inicialmente apresentada a duas dimensões. Ainda a “procuração vai no adro”. As grandes auditoras estão a postos, os gabinetes de advogados actualizam os códigos e desempoeiram as togas. Vão facturar, na proporção das muitas acções judiciais que irão ser interpostas. Há uma questão a que ninguém ousa, para já, responder: quem vai pagar a factura?

Oxalá desta vez os contribuintes tenham a sorte do seu lado.

Escreve à sexta-feira



OBEGEF
Observatório de Economia
e Gestão de Fraude



Jogar na bolsa ou investir de forma racional?

SESSÕES CONTINUAS

LAURO ANTÓNIO

Semana negra no Hollywood Walk of Fame

Robin Williams, o actor que nos deu, entre muitos outros, “Bom Dia, Vietname”, “O Clube dos Poetas Mortos”, “Despertares”, “O Rei Pescador”, “Hook”, “As Faces de Harry” ou “O Bom Rebelde”, deixou-nos. Ao que se julga, de livre vontade. Em depressão. Ele estava e nós ficámos. Robin Williams era um grande actor, que conjugava de forma mágica no ecrã o humor e o drama. Não o soube fazer na vida real e, ao que vemos, suicidou-se por enforcamento com um cinto, depois de ter ensaiado, sem resultado, cortar as veias do pulso. Dizem que estava viciado em drogas e álcool, deprimido e fragilizado fisicamente. Cansou-se de ter esperança neste mundo louco em que vivemos. Não quis mais. Foi a sua forma de gritar “Basta!”.

“Oh Captain! My Captain!”, recitava ele as palavras de Walt Whitman, em “O Clube dos Poetas Mortos”, um dos filmes que me fizeram sair a enxugar as lágrimas depois de uma sessão no extinto Quarteto. Já se sabe que os grandes actores não morrem. Ficam ali ao nosso lado, para uma qualquer carência súbita. Robin Williams, que se zangou consigo próprio e com uma parte da humanidade, largou as amarras e partiu. Pena não o vermos, no futuro, em novos filmes (verdade que ultimamente andava a ser mal aproveitado!), mas os que temos são um tesouro precioso. Logo à noite abro a caixa e liberto-o só para mim: “Oh Captain! My Captain!”

De resto, farei o mesmo com Lauren Bacall, esta desaparecida com menos dramatismo, com os seus magníficos 89 anos. Mulher de uma beleza fulminante, de uma sensualidade inebriante, de um talento inesquecível, tinha-nos ensinado a assobiar. “Just whistle!”, dissera um dia, na ombreira de uma porta, olhando Bogey com aquele olhar que só ela tinha. Era, e continua a ser!, uma das actrizes da minha vida, e seguramente de milhões de outros seres humanos que a admiravam. Devo ao Dr. Mário Soares, então Presidente da República, um dos momentos miraculosos da minha vida. Eu e mais uma meia dúzia de cinéfilos portugueses tivemos o privilégio de almoçar em Belém com Lauren Bacall. Mário Soares é um homem de bom gosto, já se sabia. Obrigado pelo convite. Tanto mais que, anteriormente, eu tinha passado uma noite à porta de um teatro de Nova Iorque para a ver sair, de carro, depois de uma representação memorável de “Woman of the Year”. Ai só a vi de raspão. Em Belém ficou tão perto de mim! Custa saber que alguns só se tornam imortais pela sua lembrança em nós. Oscilo entre “Ter e Não Ter” e “À Beira do Abismo”. Num e noutro o seu sorriso permanece. *Escreve à sexta-feira*